

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.003

ARGUMENTAÇÃO PARA SOMAR: CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO E FORMAÇÃO CIDADÃ NO AMBIENTE ESCOLAR/ACADÊMICO

Julia Maria Raposo Gonçalves de Melo Larré¹
Esther Suellen Borges da Silva²

RESUMO

A argumentação desempenha um papel importante na construção coletiva do conhecimento no contexto escolar, promovendo a formação do pensamento crítico e colaborativo dos estudantes. Este trabalho propõe uma discussão sobre o desenvolvimento de práticas argumentativas em sala de aula, com ênfase no diálogo expansivo como ferramenta pedagógica para ampliar a participação discente e fomentar o engajamento ativo. Como referencial teórico, nos apoiamos em autores como Ninin (2009); Leitão e Damianovic (2011); Liberali (2013); Larré (2012, 2014, 2019); Richter (2015); Azevedo et al. (2023), para tratar dos fundamentos teóricos da argumentação no ambiente escolar, destacando sua relevância para a aprendizagem e a formação cidadã dos alunos. Em seguida, são apresentadas práticas pedagógicas que estimulam a construção colaborativa do conhecimento por meio da argumentação,

- 1 Pós-doutora em Linguística (UFSCar) e Pós-Doutora em Educação a Distância e eLearning (UAb Lisboa), Professora Associada da Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE. Membro do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Gestão em EAD, Unidade Acadêmica em Educação a Distância e Tecnologias da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAEADTec/UFRPE, julia.larre@ufrpe.br;
- 2 Graduanda em Letras pela Unidade Acadêmica em Educação a Distância e Tecnologias (UAEADTec) da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Bolsista PIBIC/UFRPE, esther.bsilva@ufrpe.br.

promovendo a interação entre os estudantes e fortalecendo suas habilidades discursivas. O conceito de diálogo expansivo será explorado como um recurso fundamental para a ampliação das perspectivas dos alunos. Essa abordagem incentiva a expressão de ideias, a escuta ativa e a interação significativa, contribuindo para um ambiente de aprendizado mais dinâmico e inclusivo. Por fim, discutiremos estratégias de avaliação do processo argumentativo, enfatizando a capacidade dos estudantes de articular argumentos de maneira coerente e de interagir construtivamente no debate acadêmico. O trabalho se destina a professores do ensino básico e superior, educadores e estudantes de licenciatura interessados em aprofundar suas práticas pedagógicas por meio da argumentação e do diálogo expansivo e se baseia em referências teóricas consolidadas, proporcionando uma reflexão fundamentada sobre a importância do desenvolvimento da argumentação na educação formal.

Palavras-chave: Argumentação para somar; Argumentação escolar; Diálogo expansivo; Formação cidadã; Formação docente.

INTRODUÇÃO

A argumentação no âmbito escolar e acadêmico (Liberali, 2011; Larré, 2014, 2019) constitui uma forma de expor ideias, perspectivas ou teses que permite ao indivíduo desenvolver uma escuta ativa e uma ética do cuidado no interior de contextos educativos e científicos. Essa prática de linguagem também envolve o uso de evidências, dados, fatos, citações e outros recursos que sustentam o ponto de vista defendido e valorizam a diversidade de vozes em interlocuções com leitores ou ouvintes. A argumentação, nesse contexto, deve ser ao mesmo tempo crítica e criativa, refletindo um entendimento aprofundado do tema abordado e contribuindo significativamente para o avanço do conhecimento.

Para tanto, argumentar requer o domínio de uma estrutura discursiva lógica, clara e coerente, que esteja em conformidade com as normas e expectativas da comunidade científica ou da instituição educativa. Mais do que obedecer a convenções formais, a argumentação deve ser compreendida como uma ferramenta para a construção de significados e a ampliação do repertório de saberes, atuando, assim, como um instrumento formativo para a cidadania crítica.

Como afirmam Larraín e Freire (2011), a argumentação é sempre um processo social, o que evidencia seu papel central no ensino-aprendizagem. Argumentar implica considerar o outro como interlocutor legítimo, abrindo espaço para o questionamento de “verdades” estabelecidas por instituições como a escola, a religião ou a mídia. Segundo as autoras, o desenvolvimento da competência argumentativa passa, primeiramente, pela participação ativa dos sujeitos em atividades discursivas com ênfase na interação argumentativa.

Desse modo, compreendemos que argumentar é uma habilidade essencial tanto no contexto acadêmico quanto na vida cotidiana. Na escola e na universidade, a argumentação assume um papel decisivo na formação de sujeitos autônomos, pois permite aos estudantes expressar

ideias, defender pontos de vista e engajar-se em diálogos produtivos e colaborativos.

No cenário educacional contemporâneo entendemos que a argumentação ética, fundamentada e colaborativa deve ser cada vez mais valorizada como ferramenta de formação crítica. Em um mundo atravessado por desinformação, hiperpolitização, radicalizações com base no ódio e discursos excludentes e violentos, ensinar a argumentar não se reduz a treinar estratégias persuasivas: trata-se de promover a construção coletiva de conhecimento e o fortalecimento da cidadania e das relações solidárias. É com esse espírito que propomos o conceito de **argumentação para somar** – uma prática discursiva orientada não pela imposição de ideias, mas pela escuta ativa, pela negociação de sentidos e pela produção compartilhada de saberes para a soma desses saberes e ampliação do conhecimento produzido através do diálogo.

A concepção de argumentação que adotamos transcende as estruturas formais e técnicas do convencimento e se ancora em uma perspectiva dialógica da linguagem, com base em autores como Bakhtin (2011), Dolz e Schneuwly (2004), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Leitão (2011). Nessa perspectiva, a linguagem é entendida como ação social, e o ensino da argumentação deve promover a participação ativa dos sujeitos em práticas discursivas marcadas pela colaboração e pela responsabilidade.

A partir dessas bases, este trabalho propõe uma reflexão sobre os sentidos de cidadania construídos nos espaços escolares e acadêmicos, considerando as formas como os sujeitos se posicionam, constroem consensos (ou reconhecem dissensos) e contribuem para a transformação de si e do coletivo. O texto se organiza em três partes: (1) uma discussão teórico-reflexiva sobre o papel da argumentação na formação cidadã e na construção do conhecimento; (2) uma breve reflexão sobre o papel da Linguística Aplicada como área de estudos que busca pensar espaços e meios para esta construção de um ambiente de argumentação para somar; e (3) apontamentos sobre a produção de materiais didáticos, com foco na mediação discursiva e na responsabilidade cidadã.

METODOLOGIA

O trabalho adota uma abordagem qualitativa, teórico-reflexiva e interdisciplinar, sustentada pelos pressupostos da Linguística Aplicada crítica (Moita Lopes, 2006; Pennycook, 2010), que compreende a linguagem como prática social e busca promover intervenções transformadoras nos contextos educacionais.

A metodologia consiste em uma reflexão analítica sobre conceitos e práticas de argumentação, cidadania e formação docente, articulando referenciais teóricos de autores como Bakhtin (2011), Dolz e Schneuwly (2004), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Leitão (2011), Liberali (2011) e Larré (2014, 2019).

Por meio de uma análise conceitual e interpretativa, o texto discute:

1. O papel da argumentação como prática ética e formativa;
2. A contribuição da Linguística Aplicada para a construção de práticas discursivas críticas e reflexivas na escola;
3. O potencial dos materiais didáticos como espaços de mediação discursiva e formação cidadã.

Assim, trata-se de um estudo de natureza bibliográfica e ensaística, que não envolve coleta empírica de dados, mas propõe uma interpretação crítica de teorias e práticas pedagógicas voltadas ao ensino da argumentação como ferramenta de emancipação e construção coletiva de conhecimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

ARGUMENTAÇÃO COMO EIXO FORMATIVO: ENTRE ÉTICA E CIDADANIA

A argumentação desempenha um papel central na formação de sujeitos capazes de atuar criticamente no mundo. Como mencionamos

anteriormente, no campo educacional, é importante considerar que essa prática vai além do domínio técnico de estruturas linguísticas ou da persuasão retórica: ela envolve a capacidade de dialogar, escutar, posicionar-se e justificar pontos de vista frente a outras vozes sociais. Quando situada em contextos pedagógicos, a argumentação se converte em um recurso epistemológico e ético, pois está diretamente ligada à construção coletiva do conhecimento e à consolidação de práticas cidadãs.

Do ponto de vista epistemológico, argumentar é mobilizar saberes, organizá-los discursivamente e submetê-los ao crivo do outro de forma que convide os participantes a (re)pensar sobre suas visões de mundo a partir do contato com as visões de mundo do outro. Ao construir um ponto de vista com base em dados, fatos e justificativas, o sujeito compartilha o que sabe e aprimora sua compreensão por meio do conflito de ideias respeitoso com outras perspectivas. Como propõem Liberali (2011), Leitão (2011) e Larré (2014; 2019), a argumentação no contexto escolar deve ser concebida como uma prática social de linguagem que permite ao estudante tornar-se autor de seu discurso, distanciando-se da simples reprodução de informações e aproximando-se da produção de sentidos outros.

No plano ético, argumentar exige reconhecimento do outro como interlocutor legítimo. Isso implica uma postura de responsabilidade, tanto no que se refere à veracidade e relevância do que se diz quanto no cuidado com a escuta, o respeito às diferenças e a busca por consensos possíveis. Bakhtin (2011) enfatiza o caráter responsivo do enunciado: toda produção discursiva se dá em resposta a outras vozes, com as quais o sujeito dialoga, mesmo que implicitamente. Ensinar a argumentar, portanto, é ensinar a conviver com a alteridade.

Nesse sentido, a argumentação pode ser entendida como um exercício de cidadania discursiva, pois, ao participar de práticas argumentativas, os sujeitos aprendem a defender seus pontos de vista bem como aprendem a reconhecer e problematizar as “verdades” socialmente instituídas, muitas vezes naturalizadas. Como destacam Larraín e Freire (2011),

(...) para o desenvolvimento da competência individual, a primeira coisa que deve acontecer é o falante participar de atividades argumentativas com outros falantes. Somente em virtude da internalização desse tipo de atividade discursiva e sua estrutura de colaboração seria possível que o falante pensasse de forma argumentativa consigo mesmo. (LARRAÍN e FREIRE, 2011, p. 51)

Isso significa, portanto, que é por meio da argumentação que o estudante se torna um questionador do mundo, capaz de intervir em sua própria realidade a partir de posicionamentos críticos e bem fundamentados.

Contudo, para que a argumentação cumpra esse papel formativo, é preciso que ela esteja integrada às práticas pedagógicas de modo contextualizado, dialógico e significativo. A simples exigência de textos dissertativo-argumentativos em provas ou trabalhos escolares, desvinculada de uma situação real de interação e de propósitos comunicativos concretos, esvazia o potencial formativo dessa prática. Por isso, é necessário pensar a argumentação como eixo transversal à formação docente e à produção de materiais didáticos, entendendo que sua presença ativa em processos de ensino-aprendizagem pode fortalecer tanto a aprendizagem de conteúdos quanto o exercício da cidadania.

A partir dessa perspectiva, argumentar não se limita a convencer o outro ou vencer um debate, mas envolve a construção de sentidos compartilhados. Esse processo exige abertura ao diálogo, disposição para a escuta e capacidade de revisar posições à luz de novos argumentos. É nesse horizonte que situamos a proposta de **argumentação para somar**, que assume a linguagem como espaço de negociação, de colaboração e de responsabilidade frente ao outro.

A LINGUÍSTICA APLICADA COMO CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO ARGUMENTATIVA, CRÍTICA E REFLEXIVA DAS PRÁTICAS SOCIAIS NA ESCOLA

A Linguística Aplicada, ao se dedicar ao estudo das questões relacionadas ao uso da linguagem, assume uma postura crítica e intervencionista,

preocupada não somente com a análise teórica dos fenômenos linguísticos, mas também com a transformação das práticas sociais em que a linguagem se insere. Inspirada pela concepção de Marx e Engels (1845) sobre a importância de considerar a “vida que se vive”, essa área do conhecimento busca compreender como a linguagem opera em contextos reais e cotidianos, mobilizando-a para melhorar as condições de vida das pessoas envolvidas nos processos educativos. Nesse sentido, a Linguística Aplicada ultrapassa a descrição dos fenômenos linguísticos e propõe intervenções voltadas à emancipação dos sujeitos, à ampliação de suas capacidades comunicativas e à promoção de práticas educativas mais justas, inclusivas e reflexivas tanto no espaço escolar quanto na sociedade em geral.

Dentro dessa perspectiva, a argumentação emerge como uma habilidade linguística e discursiva fundamental, que deve ser estudada, desenvolvida e praticada nos contextos escolares e acadêmicos. Nas instituições de ensino superior, cuja missão abarca tanto a formação integral dos estudantes quanto a preparação de profissionais capacitados para o mercado de trabalho e para a atuação social, espera-se que os egressos sejam cidadãos críticos, conscientes de seus direitos e deveres, aptos a se posicionar como agentes transformadores da realidade. É fundamental que o professor receba uma formação adequada que o capacite a conduzir o ensino da argumentação. Isso implica o acesso a conhecimentos essenciais ao ato de argumentar – como justificar, sustentar ideias, refutar pontos de vista e negociar sentidos –, além da compreensão dos processos interacionais envolvidos. Essa preparação se torna ainda mais necessária diante da carência de disciplinas voltadas à argumentação nos cursos de formação inicial.

Argumentar de forma coerente, lógica e fundamentada transcende o mero requisito acadêmico e configura-se como uma ferramenta essencial para a construção do conhecimento e para a promoção da transformação social. Para os futuros professores, o desenvolvimento do pensamento crítico e da argumentação representa um preparo fundamental para os

desafios da docência: planejar aulas que fomentem o diálogo, promover atividades que incentivem a reflexão e realizar avaliações justas e construtivas. Além disso, a argumentação favorece interações mais efetivas e respeitadas com colegas, alunos e comunidade escolar, contribuindo para a construção de relações pautadas na colaboração e no cuidado mútuo.

Porém, a relevância da argumentação vai além da formação docente em si. Ao aprender a argumentar, os estudantes dos cursos de licenciatura também adquirem a capacidade de ensinar essa habilidade a seus futuros alunos. Em um mundo marcado por discursos polarizados e superficiais, a construção de argumentos sólidos e o diálogo aberto a perspectivas diversas são indispensáveis para a formação de cidadãos críticos e participativos. Portanto, a argumentação não se reduz a um recurso para defesa de ideias, mas é um instrumento decisivo para a construção de uma sociedade democrática, plural e reflexiva.

Nesse cenário, a Linguística Aplicada assume papel de aliada na elaboração de práticas pedagógicas que valorizem a argumentação enquanto processo colaborativo e transformador. Por meio de intervenções que promovem o pensamento crítico e a escuta ativa, essa área do conhecimento contribui para a formação de professores e estudantes mais conscientes de seu papel social e mais aptos a intervir positivamente em seus contextos de atuação. Dessa forma, a argumentação revela-se tanto uma habilidade acadêmica quanto um caminho para a transformação pessoal e coletiva.

MATERIAIS DIDÁTICOS COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO ARGUMENTATIVA E FORMAÇÃO CIDADÃ

Ao considerarmos, assim, a argumentação como um instrumento pedagógico, destacamos o potencial dos materiais didáticos como práticas pedagógicas que viabilizam e enriquecem o exercício da argumentação em contextos educacionais. Os materiais didáticos deixam de ser meros suportes para a transmissão de conteúdos e se constituem em artefatos

de mediação, possibilitando a interação entre professores, estudantes e o conhecimento. Eles são dinâmicos e transformadores, funcionando como instrumento-e-resultado (Holzman, 2009) do processo educativo, pois são continuamente reelaborados e ressignificados pelos participantes conforme os avanços e mudanças na aprendizagem.

A concepção de materiais didáticos crítica, colaborativa e criativa reforça essa dimensão de dinamismo e coautoria. Nesse modelo, os materiais não são produzidos unilateralmente pelo professor, mas construídos coletivamente, com participação ativa dos estudantes, que contribuem por meio de questionamentos, sugestões e reflexões. Essa abordagem valoriza as vozes dos aprendizes, promovendo senso de pertencimento e responsabilidade compartilhada pelo processo de aprendizagem.

Ao entender os materiais didáticos como instrumentos que simultaneamente constituem o processo e seu resultado, reconhecemos que sua elaboração configura uma atividade revolucionária. Professores e estudantes envolvidos nessa criação passam por transformações significativas: não apenas assimilam novos conteúdos, mas desenvolvem habilidades críticas, criativas e colaborativas que os capacitam a intervir com maior consciência e protagonismo em seus contextos sociais. Essa prática educativa conserva as marcas dessa transformação, refletindo experiências, desafios e conquistas vivenciadas no percurso formativo.

Essa visão dos materiais didáticos como ferramentas co-criativas e transformadoras está alinhada com a concepção da educação como espaço dialógico e coletivo. Ao envolver os estudantes na elaboração e reelaboração desses materiais, fomenta-se a aprendizagem de conteúdos específicos e também o desenvolvimento de competências essenciais à vida em sociedade, como a argumentação, a escuta ativa e a colaboração. Assim, os materiais didáticos deixam de ser objetos estáticos de consumo para tornar-se agentes ativos na formação de sujeitos críticos, criativos e comprometidos com a transformação social.

A partir da compreensão da argumentação como prática social, ética e colaborativa, propomos que os materiais didáticos (MD) sejam concebi-

dos como artefatos para ensino-aprendizagem de conteúdo e também como espaços de mediação discursiva e construção coletiva de sentidos. Isso implica repensar o papel do professor como autor e mediador de materiais que possibilitem a emergência da argumentação em situações concretas de ensino-aprendizagem.

No contexto da formação docente, especialmente em cursos de licenciatura, a elaboração de materiais didáticos pode se tornar um exercício formativo central, pois permite que os licenciandos articulem conhecimentos teóricos, experiências de estágio e reflexões sobre a prática pedagógica. Quando essa elaboração é orientada por uma concepção dialógica e cidadã da argumentação, os materiais passam a funcionar como dispositivos pedagógicos que fomentam o pensamento crítico, a escuta ativa e a negociação de sentidos entre estudantes.

Ao planejar sequências didáticas que envolvem leitura, escrita e oralidade em torno de temas socialmente relevantes – como questões de gênero, racismo, desigualdade social, sustentabilidade, entre outros –, os futuros professores são desafiados a criar propostas que estimulem o posicionamento ético e reflexivo dos alunos. A escolha dos textos, a formulação das perguntas, a proposição de atividades e a condução das interações em sala de aula revelam intencionalidades pedagógicas que podem ampliar ou restringir o exercício da argumentação como prática cidadã.

Nesse processo, a autoria docente dos materiais didáticos se constitui como um espaço de formação crítica, em que o licenciando precisa considerar o conteúdo disciplinar assim como as condições reais de aprendizagem dos alunos, suas experiências de vida, seus repertórios culturais e seus modos de participação. Desta maneira, a produção de MD passa a ser entendida como uma prática situada, responsiva e responsabilmente projetada para promover o engajamento dos sujeitos com a linguagem e com o mundo.

Além disso, a elaboração de materiais didáticos argumentativos possibilita que os futuros professores compreendam a linguagem como ação

e responsabilidade. Ao criar propostas que exigem argumentar com base em dados, opiniões diversas e contextos de uso, eles próprios experienciam a complexidade de ensinar a argumentação de forma significativa, evitando abordagens puramente técnicas ou normativas. Essa vivência pedagógica contribui para o fortalecimento de uma postura docente sensível ao diálogo, à diversidade de vozes e à construção coletiva do conhecimento.

Nesse sentido, argumentar para somar também significa projetar materiais didáticos que incentivem a escuta, o respeito ao dissenso e a possibilidade de revisar posições. Os MD tornam-se, assim, espaços privilegiados para a formação de leitores e produtores de textos críticos, capazes de intervir no mundo de maneira ética, fundamentada e colaborativa.

As práticas de letramento orientadas por gêneros discursivos e temas geradores podem favorecer esse movimento, pois aproximam os conteúdos escolares das vivências dos alunos e abrem espaço para que eles se posicionem como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Ao incorporar essas perspectivas na criação de materiais didáticos, os licenciandos se preparam para exercer uma docência comprometida com a formação integral de seus estudantes – como aprendizes da língua e como cidadãos participantes e transformadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A argumentação, compreendida como prática social, ética e colaborativa, mostra-se essencial para a construção do conhecimento e para a formação cidadã no ambiente escolar e acadêmico. Ao promover o diálogo, a escuta ativa e a responsabilidade discursiva, ela ultrapassa o exercício retórico convencional, configurando-se como um recurso capaz de fortalecer a autonomia dos sujeitos e sua postura crítica diante da realidade. A Linguística Aplicada, ao assumir uma perspectiva interventiva e transformadora, contribui para o desenvolvimento dessa competência de

forma contextualizada, articulando teoria e prática e preparando futuros professores para os desafios concretos da docência e da vida social.

Nesse contexto, os materiais didáticos adquirem destaque ao deixarem de ser simples veículos de conteúdos para se tornarem espaços de mediação argumentativa, nos quais se constroem coletivamente sentidos, respeitando a diversidade e promovendo o exercício da cidadania discursiva. A elaboração desses materiais por licenciandos, orientada por uma concepção dialógica e ética da argumentação, constitui um momento formativo central, em que teoria, prática e reflexão se entrelaçam para fomentar uma educação crítica, inclusiva e comprometida com a transformação social.

Dessa forma, a proposta de **argumentação para somar** aponta para um ensino que valoriza o compartilhamento, a negociação de sentidos e o respeito às diferenças, colocando a linguagem a serviço da colaboração e do crescimento coletivo. A consolidação dessa perspectiva pode contribuir para formar estudantes academicamente preparados e cidadãos aptos a intervir eticamente no mundo, participando de modo ativo, consciente e responsável dos processos sociais que os cercam.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

HOLZMAN, L. **Vygotsky at work and play**. New York and London: Routledge, 2009.

LARRÉ, J. M. R. G. de M. **Câmera na mão! Argumentação e atividade social “elaborar documentários” na sala de aula de língua inglesa**. 2014. 283 f. Tese (Doutorado em Letras – Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

LARRÉ, J. **Inglês nas diversas áreas da universidade: uma possibilidade baseada na Argumentação a partir da produção de documentários**. Curitiba: Appris, 2019.

LARRAÍN, A.; FREIRE, P. Capitalizando a controvérsia: algumas reflexões para tornar visível e aproveitar a contra-argumentação dos alunos no ensino de ciências. In: LEITÃO, S. & DAMIANOVIC, M. C. **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas, SP: Pontes, 2011. pp. 47-80.

LEITÃO, S. O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula. In: LEITÃO, Selma; DAMIANOVIC, Maria Cristina (Org.). **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas, SP: Pontes, 2011. pp. 13-46.

LIBERALI, F. C. **Formação crítica de educadores: questões fundamentais**. São Paulo: Pontes, 2011.

MARX, K.; ENGELS. A ideologia alemã. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/index.htm> Acessado em: 19/05/2025. (1845 - 46)

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.